

Contextos educativos com tecnologias: abordagens contemporâneas

Muito se tem publicado nos últimos anos sobre as questões relacionadas com o uso das tecnologias e a educação. Todavia, a necessidade de aprofundar e de divulgar pesquisas no âmbito desta temática continua a ser extremamente necessária pois, apesar da enorme visibilidade e omnipresença das tecnologias nos mais variados setores da sociedade e na nossa vida cotidiana, sua relação com a Escola continua a ser difícil, continua a ser algo em que há ainda muitas resistências para enfrentar e continua a ser uma área em que é necessário investigar, construir e partilhar conhecimento, com todos os atores educativos. Eles constituem, em boa parte, os principais agentes de mudança em seus contextos de trabalho.

Organizar um número da Revista Linhas, no âmbito desta temática – Contextos Educativos com Tecnologias: abordagens contemporâneas – que reune trabalhos de pesquisadores e pesquisadoras do Brasil, Portugal e Itália, pareceu-nos que poderia ser uma boa forma de intercâmbio de saberes sobre as realidades destes países que, sendo distintas, se confrontam atualmente com questões de natureza muito semelhante. O *boom* tecnológico faz-se sentir globalmente e as questões associadas ao uso das tecnologias, quer em contextos de aprendizagem formal, informal, seja em contexto presencial ou a distância, são, também, em grande parte, de natureza global. Neste sentido, o grande debate subjacente a estas questões é um debate educativo. Falamos de tecnologias, mas, em última instância estamos falando de educação. Pois, não basta a Escola dispor das atuais tecnologias digitais, não basta os alunos usarem *laptops*, não basta terem acesso à Internet. Ou seja, não basta usar as novas tecnologias para deixar de reproduzir a velha Escola. É preciso ir mais fundo. É preciso também uma nova pedagogia, que ponha a tecnologia ao serviço de projetos educativos relevantes para os alunos do nosso tempo. É preciso que a Escola reprodutora se transforme numa Escola emancipadora.

Procuramos, neste número da Revista Linhas, reunir textos muito diversos, sobre problemáticas atuais que, no seu conjunto, permitam a todos os que são profissionais de educação encontrar pistas de reflexão, pistas de atuação, que possam transpor para a sua

realidade, contribuindo desse modo quer para a desejada renovação da Escola, quer para a melhoria de outros contextos educacionais em que, cada vez mais, a aprendizagem tem lugar.

A problemática da avaliação digital no ensino superior, uma questão desafiadora e controversa quer em ambientes de aprendizagem presenciais, quer a distância ou mistos é abordada por Maria João Gomes, Lúcia Amante e Isolina Oliveira no seu texto. As autoras apresentam um novo quadro teórico, ancorado em quatro dimensões - autenticidade, consistência, transparência e viabilidade – e definem um conjunto de parâmetros que visa promover a qualidade das estratégias de avaliação em curso. Discutem à luz deste quadro teórico os resultados de um estudo empírico realizado sobre práticas de avaliação digital em universidades portuguesas.

Altina Ramos e Paulo Faria procuram no seu texto analisar, clarificar e delimitar os conceitos de *literacia digital* e *literacia informacional* a partir dos resultados de uma revisão sistemática de literatura realizada nas bases de dados ISI (*ISI Web of Knowledge*) e ERIC (*Education Resources Information Center*). Tendo como pressuposto um modelo de pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvem uma análise de conteúdo de um *corpus* de artigos científicos relativos aos últimos cinco anos, na busca de identificar as dimensões comuns e distintas destes dois conceitos. Embora considerem que a sua análise não é conclusiva, apresentam importantes pistas acerca do atual estado da arte relativo a estes conceitos, procurando, simultaneamente, explorar as suas implicações para a educação.

No artigo de Nize Maria Campos Pellanda, Dulci Marlise Boettcher, Daiane Keller e Rodrigo Keller é discutido a questão das tecnologias na sociedade contemporânea imbricada com o conceito de acoplamento seres humanos/máquinas, pois os autores entendem que não é possível pensar ou refletir sobre as tecnologias separando-as das dimensões humanas. Para fundamentar sua reflexão, realizam um *tour* histórico no campo das tecnologias com ênfase na revolução cibernética e nos seus desdobramentos em uma segunda cibernética, que vai gerar uma visão mais complexa da cognição. Relacionam as potencialidades das tecnologias *touch* – viabilizadas em *tablets* - para a aproximação e estudo com crianças autistas.

A rápida expansão das tecnologias móveis provoca a necessidade de refletir e discutir um conjunto de questões relacionado com o uso destes artefatos e as eventuais possibilidades e limitações que apresentam no campo da aprendizagem. Katja Götsche enfoca várias destas questões no seu texto, convidando o leitor a refletir sobre o desenvolvimento e desenho de atividades educacionais com tecnologias móveis. A autora discute a avaliação deste tipo de atividades e a sua integração na escola, assim como questões de ordem ética no uso das tecnologias móveis.

No seu artigo Eliana Maria do Sacramento Soares e Carla Beatris Valentini apostam nas possibilidades dos conceitos da Biologia do Conhecer, como base teórica e na pesquisa-ação, como abordagem metodológica, para investigarem a inserção de *laptops* na proposta 1:1 (um computador por aluno) no Ensino Fundamental de uma escola pública. Os resultados da pesquisa indicam que a inserção do *laptop* provocou a reorganização dos espaços nas salas de aula e a emergência de novas configurações nas relações interpessoais entre alunos e professores. Evidenciam a tensão entre os domínios de ação do professor – o controle e o conhecimento - e os dos alunos – cada vez mais constituídos pela exploração, interação e questionamento.

Joseilda Sampaio de Souza e Maria Helena Silveira Bonilla analisam a relação entre dois projetos, desenvolvidos no município de Irecê, na Bahia: um curso de pedagogia destinado às professoras desta rede municipal e um projeto de inclusão digital, ambos desenvolvidos em parceria com a Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. As autoras apresentam e discutem as ações desenvolvidas pelo curso de pedagogia a fim de promover a articulação entre as escolas e o projeto de inclusão digital. Dentro deste contexto, as autoras analisam o movimento de constituição e vivência da cultura digital que foi desencadeado no município, a partir da articulação entre os projetos.

Encontramos no texto de Luís Salema uma profunda reflexão sobre o uso da tecnologia, na aprendizagem de línguas estrangeiras. O autor defende que a aprendizagem de línguas fundamentada em uma perspectiva construtivista e em ambientes tecnologicamente ricos e significativos constitui uma “mais valia” no desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes. O potencial da sociedade em rede tem facilitado o aparecimento de outras maneiras de aprender uma língua estrangeira. Neste cenário, a interação oral em contextos de *e-learning* - quer síncrona, quer assíncrona - tem ganho especial relevância ao abrir um leque de possibilidades que até então eram impossíveis de serem realizadas pelos estudantes fora do contexto da sua sala de aula.

O conceito de inclusão digital é redefinido no texto de Magda Pischetola ao focar nas possibilidades de desenvolvimento de competências e atualização das práticas de ensino como questões centrais para discutir e trabalhar em encontros de formação de professores. Aponta os equívocos de muitas políticas de inclusão digital para o espaço escolar que propõem programas e ações que desconhecem ou ignoram o contexto cultural onde vão ser implementadas. A autora reforça a necessidade de questionar o pressuposto de que as TIC se inserem facilmente no âmbito escolar e que a formação dos professores deve ser entendida como formação técnica. A autora defende que a sustentabilidade de um projeto de inserção de

tecnologias na escola está ligada ao desenvolvimento de novas práticas didáticas com a mídia e não só em competências técnicas.

Esperamos que estes artigos ensejem uma boa leitura e reflexão sobre as questões que envolvem os contextos educativos na contemporaneidade.

Elisa Maria Quartiero (UDESC)
elisa.quartiero@gmail.com

Lúcia Amante (Universidade Aberta de Portugal)
lamante@uab.pt

Florianópolis e Lisboa, primavera de 2012.